

RAÇA E(M) LIVROS DIDÁTICOS DE LI: UM OLHAR PARA AS PESQUISAS ACADÊMICAS

Maria Luisa Nobre BORGES

Universidade Federal de Uberlândia

Cristiane Carvalho de Paula BRITO

Universidade Federal de Uberlândia

Resumo: Este artigo discute alguns resultados de um projeto de iniciação científica que se propôs a mapear estudos que tematizam a raça em livros didáticos voltados para o ensino-aprendizagem de língua inglesa (LI) como língua estrangeira (LE). A partir dos estudos em Linguística Aplicada e decoloniais, desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica, de natureza quanti-qualitativa, em que analisamos teses, dissertações, artigos, anais de congresso e trabalhos de conclusão de curso sobre o tema em questão, publicados no período de 2012 a 2022. Nossas análises apontam que, segundo pesquisadores/as, a raça é abordada de maneira superficial e colonizada nos livros didáticos de LI como LE, sendo os corpos negros representados como seres inferiores e subalternizados, sem representatividade em posições de sucesso e de forma homogênea no que se refere ao mercado de trabalho, como se não pudessem contribuir economicamente ou desempenhar funções e papéis variados. Nossa investigação aponta ainda a necessidade de mais estudos que abordem a raça sob a perspectiva dos estudos da decolonialidade.

Palavras-chave: Pesquisa bibliográfica; Decolonialidade; Ensino-aprendizagem de LI.

RACE AND/IN ENGLISH TEXTBOOKS: A GLIMPSE INTO ACADEMIC RESEARCH

Abstract: *This paper discusses some results of a scientific initiation project that aimed at investigating studies that explored the issue of race in textbooks of English as a foreign language. On the basis of Applied Linguistics and decolonial studies, we developed a bibliographical qualitative and quantitative research, in which we analyzed thesis, dissertations, papers, conference proceedings and course conclusion works on the topic at hand, published during the period between 2012 and 2022. Our analyses point out that, according to researchers, race is approached in a superficial and colonized way in textbooks of English as a foreign language, with black bodies being represented as inferior and subaltern, with no representativity in successful positions and in a homogeneous manner as regards the job market, as if they could not contribute economically or perform varied functions and roles. Our investigation also draws attention to the necessity of having more studies approaching race under the perspective of decolonial studies.*

Keywords: *Bibliographical research; Decoloniality; English Learning and Teaching.*

RAZA Y/EN LIBROS DE TEXTO DIDÁCTICOS DE LI: UNA MIRADA A LAS INVESTIGACIONES ACADÉMICAS

Resumen: Este artículo discute algunos resultados de un proyecto pregrado que se propuso mapear estudios que tematizan la raza en libros de texto didácticos dirigidos a la enseñanza-aprendizaje de la lengua inglesa (LI) como lengua extranjera (LE). A partir de los estudios en Lingüística Aplicada y decoloniales, desarrollamos una investigación bibliográfica, de naturaleza cuanti-cualitativa, en la que analizamos tesis, disertaciones, artículos, actas de congreso y trabajos de conclusión de curso sobre el tema en cuestión, publicados en el período de 2012 a 2022. Nuestros análisis señalan que, según los investigadores/as, la raza se aborda de manera superficial y colonizada en los libros de texto didácticos de LI como LE, siendo los cuerpos negros representados como seres inferiores y subalternizados, sin representatividad en posiciones de éxito y de forma homogénea en lo que se refiere al mercado de trabajo, como si no pudieran contribuir económicamente o desempeñar funciones y roles variados. Nuestra investigación señala también la necesidad de más estudios que aborden la raza desde la perspectiva de los estudios de la decolonialidad.

Palabras-clave: Investigación bibliográfica; Decolonialidad; Enseñanza-aprendizaje de LI.

Se as mulheres *negras*, bem como outros grupos marginalizados, têm o direito capital, em todos os sentidos do termo, de ser reconhecidas como *sujeitos*, então também devemos ter esse direito reconhecido dentro de processos de pesquisa e de discursos acadêmicos. Esse método de focar no *sujeito* não é uma forma privilegiada de pesquisa, mas um conceito necessário.

(Kilomba, 2019, p. 92 - grifos da autora).

INTRODUÇÃO

Este artigo discute alguns resultados de um projeto de iniciação científica¹ que se propôs a mapear estudos que tematizam a raça em livros didáticos voltados para o ensino-aprendizagem de língua inglesa (LI) como língua estrangeira (LE). Tendo em vista o fato de ser uma mulher negra que leciona língua inglesa desde os dezessete anos de idade e por já ter vivenciado situações em que sofreu racismo ou por ter percebido a falta de corpos negros em livros didáticos que as escolas onde trabalhei adotavam, entendi que questões de raça percorriam e percorrem minhas vivências de tal forma que estudar o assunto seria pessoal e socialmente muito relevante².

¹ O projeto foi desenvolvido pela primeira autora, sob a orientação da segunda.

² Usamos, neste parágrafo, a 1ª pessoa do singular por ser algo que se refere especificamente à experiência da primeira autora, entretanto, ao longo do texto, retomamos o uso da 1ª pessoa do plural.

A temática da pesquisa surgiu em decorrência de nossa participação no grupo de pesquisa LIA (Linguagem Humana e Inteligência Artificial)³ e a partir da experiência como membro da equipe do projeto de extensão 'Curso de Inglês pelo Laboratório Virtual ELLA' (*English Learning Language Laboratory*), ofertado na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Tal projeto utiliza o software em desenvolvimento ELLA⁴, que consiste em um laboratório virtual de aprendizagem de língua inglesa com foco no desenvolvimento da competência oral⁵, cujos conteúdos são produzidos pela equipe do curso. Em nossas discussões e reflexões sobre melhorias e adequações dos materiais de ensino, percebemos a necessidade de aprofundar o conhecimento e a teorização sobre alguns temas⁶.

Desse modo, como objetivos específicos, propusemo-nos a: i) analisar o percurso teórico-metodológico e analítico, bem como os resultados de pesquisas acadêmicas que tratam a questão da raça em livros didáticos de LI como LE; ii) investigar em que medida esses estudos abordam a raça como categoria colonial; e iii) discutir se e como raça e ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras têm sido relacionadas. Para alcançar os objetivos propostos, fundamentamo-nos no escopo teórico dos estudos em Linguística Aplicada (LA) e dos Estudos Decoloniais. Quanto ao percurso metodológico, esta pesquisa é do tipo bibliográfica e possui natureza quanti-qualitativa. O *corpus* se constitui de teses de doutorado; dissertações de mestrado; artigos em revistas científicas; anais de congressos acadêmicos e trabalhos de conclusão de curso de graduação.

Em termos de organização do artigo em tela, além desta introdução, levantamos, na seção seguinte, algumas questões relacionadas a livros didáticos, tendo em vista a questão da raça e dos estudos decoloniais. Posteriormente, explicitamos o percurso metodológico-analítico desenvolvido na pesquisa; em seguida, discutimos os resultados de nossas análises; e, nas considerações finais, levantamos alguns encaminhamentos a partir dos resultados de nossa pesquisa.

³ O grupo é liderado pelas professoras Simone Tiemi Hashiguti e Cristiane Carvalho de Paula Brito e desenvolve pesquisas transdisciplinares nas áreas de Linguística Aplicada e Computação.

⁴ O projeto é coordenado pela professora doutora Simone Tiemi Hashiguti.

⁵ ELLA foi desenvolvido para o uso de licenciandos de um curso de Letras-Inglês na modalidade a distância de uma universidade pública mineira. Para mais informações, ver Cristiane Carvalho de Paula Brito

⁶ O material do laboratório é dividido em oito unidades, sendo uma delas denominada *The (un)canny*, na qual se trabalham estereótipos construídos por e na língua, e por causa da perceptibilidade do corpo, discutem-se temáticas como preconceito, raça, identidade e estrangeirice.

1. RAÇA, LIVRO DIDÁTICO E DECOLONIALIDADE

Nossa pesquisa se situa no âmbito dos estudos em Linguística Aplicada, área que tem como objeto de investigação a linguagem enquanto prática social, tanto no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras quanto nos mais variados cenários em que existe o uso da língua. A LA, então, é uma área que considera os aspectos sociais, políticos, históricos e ideológicos do uso da língua, com viés inter/transdisciplinar. Interdisciplinar, pois estabelece relação entre duas ou mais áreas do conhecimento. Em 1992, Celani já afirmava que a LA se tornava cada vez mais marcada pela interdisciplinaridade, abarcando “além dos conteúdos mesmos as metodologias de pesquisas oferecidas por diferentes tradições, em disciplinas diversas” (Celani, 1992, p. 20).

E transdisciplinar, pois é, “nas palavras de Nicolescu, o que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das disciplinas e além de toda disciplina” (Almeida, 2015, p. 2). Desse modo, LA vai além da inter/transdisciplinaridade, para Moita Lopes, ela é indisciplinar, já que visa a

[...] possibilidade política de que a pesquisa contemple outras histórias sobre quem somos ou outras formas de sociabilidade que tragam para o centro de atenção vidas marginalizadas do ponto de vista dos atravessamentos identitários de classe social, raça, etnia, gênero, sexualidade, nacionalidade etc. (Moita Lopes, 2006, p. 27)

Esse percurso parte da necessidade de dar lugar às vozes do sul para que saberes (por ora) marginalizados sejam utilizados na contribuição da construção de conhecimentos, especialmente em salas de aula de LEs. Assim, é a partir das provocações feitas por uma LA “suleada” (Kleiman, 2013; Pennycook, 2006), responsiva e responsável pela vida social, aberta a diálogos impertinentes e transgressivos (Melo; Moita Lopes, 2022; Melo; Jesus, 2022), que tecemos algumas considerações sobre livro didático, raça e o pensamento decolonial.

Primeiramente, explicitamos a problemática dos livros didáticos, com o objetivo de aprofundar e esclarecer que estes não são neutros, antes refletem e refratam as relações de poder que constituem as relações entre os sujeitos. Em seguida, discutimos a questão da raça e como esse conceito tem sido utilizado na manutenção de

hegemonias. Além disso, é feita uma articulação entre raça e livro didático, importante para compreender como e para quê raça deve ser abordada em salas de aula de ensino de línguas estrangeiras, sobretudo no ensino de língua inglesa. Por fim, discutimos o pensamento decolonial, importante aqui para a luta antirracista e para a construção de espaços em contextos de ensino-aprendizagem que possam ser de (re)afirmação de corpos negros e femininos.

1.1. A PROBLEMÁTICA DOS LIVROS DIDÁTICOS

Em grande parte das instituições de ensino de línguas estrangeiras, há a prevalência do uso de um livro didático, sendo ele o principal ou um dos principais materiais didáticos nas aulas. É a razão de serem tão importantes os estudos problematizando a utilização, o planejamento, as adaptações e o processo de criação dos livros didáticos. Sendo assim, um livro didático deve ser criticamente analisado antes de ser escolhido, mesmo que sempre haja a necessidade de se adotar mais materiais didáticos durante as aulas. Segundo Tilio (2008, p. 121), “é importante [...] ressaltar que livros didáticos devem atender às necessidades e expectativas do aprendiz, adequando-se à sua realidade”, porém, nem sempre isso acontece.

Livros didáticos para ensino de língua inglesa como língua estrangeira que são produzidos em países onde o inglês é a língua materna para atender a um público global “não conseguem incorporar a realidade sociocultural do aprendiz, pois não possuem um público-alvo específico” (Tilio, 2008, p. 131). Além disso, o livro didático é visto como a verdade absoluta em relação a conteúdos e visão de mundo, e segue uma padronização e linearidade que parece subentender que todos os alunos aprendem seguindo uma mesma ordem. Ainda segundo o autor, caberia ao professor, então, saber controlar “a voz” do livro didático, guiando as aulas para que fossem mais inclusivas e se adequassem melhor à realidade do público-alvo, afirmando também a individualidade de cada aluno.

Ademais, esses livros didáticos produzidos em larga escala para atender a uma demanda global reproduzem padrões que idealizam a classe dominante, além de distanciar os alunos de sua realidade, trazendo discursos de um sistema que parece não ter defeitos, guerras, conflitos. A venda de tais livros didáticos parece se associar, então, a uma imagem de perfeição que foge da realidade e não prepara os alunos adequadamente para situações reais. Assim, caberia ao professor a tarefa de mediar e

trazer o livro didático para a realidade de seus alunos, conscientizando-os sobre as contradições da sociedade em que vivem.

Além da questão de reprodução de valores distorcidos, há o fato de que livros didáticos são produzidos por editoras que majoritariamente possuem objetivos comerciais e não didáticos. O livro didático, então, passa a ser um material pensado e elaborado para fins que não educacionais e que reforça a lógica empresarial do lucro. Mesmo que o autor seja uma pessoa propriamente formada na área de escrita de livros didáticos, ele precisa atender a uma demanda da editora que, por sua vez, atenderá a uma demanda de vendas, em que o objetivo final é o sucesso comercial do livro. Tilio aponta, inclusive, que, não por um acaso, professores atualmente conheçam mais os livros pelo nome das editoras do que pelos nomes dos autores.

Ademais, desde a década de 1970, acontece um movimento em que os livros didáticos de ensino de língua estrangeira tentam demonstrar a imagem de globalização, trazendo diferentes culturas, para além da europeia e americana. Entretanto, quando não se trata das culturas estadunidense e europeia, os conteúdos são, por vezes, retratados como meras informações extras e não como temática principal das unidades. Sendo assim, “o objetivo continua sendo a valorização da cultura euro-americana, as demais culturas surgem como simples curiosidades” (Scheyerl, 2012, p. 43).

Há a necessidade, então, de se valorizar o conhecimento dos alunos, suas origens, sua cultura e seus saberes, para que eles também possam “trazer para a sala de aula modos de vida democráticos, críticos e pluriculturais” (Scheyerl, 2012, p. 49). Chamado por Scheyerl de “material de dentro”, esses saberes dos alunos, juntamente com a prática pedagógica, seriam a chave para o desenvolvimento da consciência crítica e para a aprendizagem da língua alvo.

Ainda abordando a problemática acima, podemos mencionar aqui a celebração do mundo plástico do livro didático de língua inglesa (Siqueira, 2012). Tal celebração está relacionada ao fato de que livros de inglês trazem assuntos artificiais e que revelam um mundo irreal em que as pessoas fazem parte da classe média e as famílias são constituídas por pessoas brancas e um casal heterossexual normativo. Além disso, evitam abordar assuntos da sigla em inglês PARSNIP, ou seja, política, álcool, religião, sexo, narcóticos e “ismos” em geral (racismo, por exemplo). Sendo assim, esses livros deixam de abordar assuntos que fomentariam a consciência crítica de alunos e professores, já que optam por assuntos considerados neutros.

Portanto, mais do que tentar influenciar a indústria para rever e mudar seus padrões, suas estratégias e suas ações, é preciso que nós, professores, formadores de professores, pesquisadores, elaboradores de currículos e programas e aprendizes da língua inglesa, em primeiro lugar, assumamos um papel mais crítico em relação aos materiais didáticos que adotamos e consumimos e, mais importante ainda, que façamos uma revisão dos nossos conceitos e nossas posturas no sentido de aproveitarmos a oportunidade e nos engajarmos num esforço conjunto de reavaliação das nossas práticas pedagógicas à luz de uma nova tomada de consciência, munidos de uma nova percepção de que nossa atividade está longe de ser ideologicamente inocente. (Siqueira, 2012, p. 337)

Tendo em vista as discussões apontadas, pode-se inferir que os livros didáticos de ensino de LI como LE ainda estão sob a perspectiva capitalista liberal e mercantilista que visa muito mais o lucro ao ensino crítico de línguas estrangeiras. Dessa maneira, cabe aos professores e pesquisadores ter uma visão crítica ao planejar e fomentar suas aulas, percebendo que os livros didáticos não têm como objetivo construir saberes fora dos estereótipos hegemonicamente ricos, brancos e masculinizados.

Entretanto, os livros didáticos de línguas estrangeiras do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) têm incorporado algumas mudanças significativas em relação à diversidade de raça, gênero e sexualidade. Apesar de alguns autores, como Tilio (2012, p. 1021), afirmarem que o PNLD ainda não segue as diretrizes adequadamente, pode-se perceber alguns avanços nos livros de escolas regulares públicas, que o mercado não permitiria que acontecesse em livros de editoras multinacionais, comumente utilizados em escolas de idiomas. Mesmo assim, é notável que há um grande desafio em como a raça pode e deve ser representada em livros didáticos, no geral, sejam eles de escolas regulares públicas ou de institutos de ensino de línguas.

1.2. O CONCEITO DE RAÇA SOB UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL

Raça é um dos conceitos inventados sob um padrão de poder colonial com o objetivo de subalternizar povos e fundamentar a exploração sobre eles. “A partir do conceito de raça, o Norte discursivizou a si próprio como modelo e possibilidade de civilização e, ao mesmo tempo, naturalizou o outro, conquistado, como selvagem, destituído de humanidade, capacidade de pensamento e cultura” (Hashiguti, 2019, p. 224). Sendo assim, os materiais didáticos (MDs) de língua inglesa (LI) como língua

estrangeira (LE) reproduzem padrões do Norte, ou seja, dos colonizadores, em relação às ideias de, dentre outros conceitos, raça.

O conceito de raça está indiretamente ligado ao modelo econômico e à estrutura de relações de produção atual: o capitalismo mundial. Isso porque “as novas identidades históricas produzidas sobre a ideia de raça foram associadas à natureza dos papéis e lugares na nova estrutura global de controle do trabalho” (Quijano, 2005, p. 118). Sendo assim, mesmo que um não necessariamente fosse dependente do outro, ambos – raça e divisão do trabalho – foram transformando-se e reforçando-se mutuamente. Dessa forma, então, foi imposta uma sistemática e rígida divisão racial do trabalho. É o que cita Quijano (2005):

(...) cada forma de controle do trabalho esteve articulada com uma raça particular. Consequentemente, o controle de uma forma específica de trabalho podia ser ao mesmo tempo um controle de um grupo específico de gente dominada. Uma nova tecnologia de dominação/exploração, neste caso raça/trabalho, articulou-se de maneira que aparecesse como naturalmente associada, o que, até o momento, tem sido excepcionalmente bem-sucedido. (Quijano, 2005, p. 119)

Partindo desse conceito de raça que é nitidamente mantido pelo sistema capitalista, foram desenvolvidas entre os europeus a ideia e a percepção de que o trabalho justamente assalariado/pago era privilégio apenas dos brancos, o que gerou a inferioridade racial dos colonizados, que não eram considerados dignos de possuírem trabalhos justos e pagos, mas de trabalharem em benefício de seus patrões. Isso também explica o fato de que, até hoje, pessoas racializadas recebem salários menores ou têm um tratamento diferenciado em seus empregos, em relação a pessoas brancas. Assim, cita Quijano (2005):

O controle do trabalho no novo padrão de poder mundial constituiu-se, assim, articulando todas as formas históricas de controle do trabalho em torno da relação capital-trabalho assalariado, e desse modo sob o domínio desta. Mas tal articulação foi constitutivamente colonial, pois se baseou, primeiro, na adscrição de todas as formas de trabalho não remunerado às raças colonizadas, originalmente *índios*, *negros* e de modo mais complexo, os *mestiços*, na América e mais tarde às demais raças colonizadas no resto do mundo, *oliváceos* e *amarelos*. E, segundo, na adscrição do trabalho pago, assalariado, à raça colonizadora, os *brancos*. (Quijano, 2005, p. 120)

A essa estrutura, Quijano deu o nome de “colonialidade do controle do trabalho”, o que também determinou a distribuição geográfica e social do capitalismo. Nessa distribuição, o capital é o eixo que determina as relações de poder e de controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos. Ademais, essa relação social foi geograficamente concentrada na Europa e, por isso, a Europa e os europeus se constituíram no centro do mundo capitalista.

Devido ao fato de que a Europa tem a condição de centro do capitalismo mundial, ela pôde impor seu domínio colonial sobre todas as regiões e populações do planeta, incorporando-as ao seu padrão específico de poder. Sendo assim, há não apenas um modelo eurocêntrico de vida, mas uma subalternização de tudo e todos que não se encaixem nesse padrão europeu, o que faz com que culturas tão diversas e heterogêneas sejam incorporadas a um único mundo – dominado pela Europa. Dessa maneira, há uma articulação numa só ordem cultural global em torno da hegemonia europeia ou ocidental, o que fez com que a Europa tenha concentrado “sob sua hegemonia o controle de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura, em especial do conhecimento, da produção do conhecimento” (Quijano, 2005, p. 121). Quijano conclui, então, que:

[...] o êxito da Europa Ocidental em transformar-se no centro do moderno sistema-mundo [...] desenvolveu nos europeus um traço comum a todos os dominadores coloniais e imperiais da história, o *etnocentrismo*. Mas no caso europeu esse traço tinha um fundamento e uma justificação peculiar: a classificação racial da população do mundo depois da América. A associação entre ambos os fenômenos, o etnocentrismo colonial e a classificação racial universal, ajudam a explicar por que os europeus foram levados a sentir-se não só superiores a todos os demais povos do mundo, mas, além disso, *naturalmente* superiores. [...] Os povos colonizados eram raças *inferiores* e – portanto – *anteriores* aos europeus. (Quijano, 2005, p. 121-122)

Ainda de acordo com Quijano, dali surgiu a dualidade entre povos evoluídos/atrasados; civilizados/primitivos; racionais/irracionais; enfim, Europeus/não-Europeus. Colocam-se, então, índios da América e negros da África dentro dos grupos inferiores e não-evoluídos, o que torna a raça uma categoria básica dessa codificação das relações entre europeus e não-europeus. Raça e o Negro são, então, de acordo com Achille Mbembe (2014, p. 18), “duas figuras centrais (ainda que negadas) do discurso euro-americano acerca do homem” e são fluidas, ou seja, com o passar dos

tempos e acontecimentos, suas definições são (re)moldadas e fazem parte de um “encadeamento de coisas, elas próprias nunca acabadas” (Mbembe, 2014, p. 19).

Produto de uma máquina social e técnica indissociável do capitalismo, da sua emergência e globalização, este nome foi inventado para significar exclusão, embrutecimento e degradação, ou seja, um limite sempre conjurado e abominado. Humilhado e profundamente desonrado, o Negro é, na ordem da modernidade, o único de todos os humanos cuja carne foi transformada em coisa, e o espírito, em mercadoria – a cripta viva do capital. Mas – e esta é a sua manifesta dualidade –, numa reviravolta espetacular, tornou-se o símbolo de um desejo consciente de vida, força pujante, flutuante e plástica, plenamente engajada no ato de criação e até de viver em vários tempos e várias histórias ao mesmo tempo. (Mbembe, 2014, p. 19)

De acordo com Achille Mbembe, o negro e a raça andam entrelaçados, à medida que europeus e americanos utilizam da racialização como meio de reduzir o corpo negro e o ser vivo a uma questão de aparência, de pele ou de cor. Desse modo, Mbembe (2014, p. 11) afirma que “(...) a raça tem estado, no decorrer dos séculos precedentes, na origem de inúmeras catástrofes, e terá sido a causa de devastações físicas inauditas e de incalculáveis crimes e carnificinas”. Mbembe cita, então, Franz Fanon (1952, p. 106-107), que define raça como nome que se deve dar ao ressentimento daqueles que veem o Outro não como semelhante a si mesmo, mas como uma ameaça, que gera desejo de vingança.

Dessa maneira, a raça nesta pesquisa é vista como um conceito colonial, com objetivos claros de dominação e de estabelecimento e manutenção da hegemonia branca, heterossexual, masculina e capitalista e que visa subalternizar povos negros e indígenas, e que também influencia a forma com que línguas estrangeiras são ensinadas nos diversos contextos possíveis.

1.3. A REPRESENTAÇÃO DE RAÇA EM LIVROS DIDÁTICOS

De acordo com Orlando (2008), nos livros didáticos e paradidáticos, que são referência e centro no ensino por parte de pais e educadores, há predominância de crianças e adultos brancos representados como pessoas com cargos de sucesso e com famílias bem estruturadas, com seus nomes devidamente apresentados, enquanto crianças e adultos negros são representados de maneira generalizada, sem ter seus nomes revelados, como seres inferiores e subalternizados. Desse modo, de acordo com Silva (citado por Orlando),

os materiais acabam por omitir a contribuição econômica e a diversidade de funções e papéis desempenhados pelo homem negro no Brasil, desde a sua chegada até os dias atuais, além de deixar de comentar o acesso das pessoas negras a profissões reservadas às pessoas brancas, a existência de mães negras e os inúmeros papéis ocupados por elas na sociedade. Todos estes estereótipos educam tanto a criança negra quanto a criança branca já com uma mentalidade racista. (Silva, 2001, apud Orlando, 2008, p. 64)

A partir de 1990, devido ao surgimento do movimento negro (a partir de 1980) e à implementação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), já podem ser percebidas mudanças nos livros didáticos em relação à questão racial. Isso porque o PNLD passou a “proibir a circulação de livros didáticos que expressassem preconceitos de origem, de cor, de condições socioeconômicas, de etnia, de gênero e qualquer outra forma de discriminação (Rosemberg, 2003, p. 137, apud Orlando, 2008, p. 62)”. Sendo assim, os materiais didáticos passaram por uma melhor avaliação em relação ao conteúdo trazido quando se trata de negros e de outras etnias. Começam, então, a representar o negro de maneira mais incluída socialmente, com empregos mais bem aceitos, com nomes próprios, e sem a imagem caricaturada.

Apesar das mudanças já iniciadas no final do século passado, é importante destacar que há ainda muito a se problematizar e o que se promover de mudanças e debates. Mesmo após a proibição do PNLD, ainda é possível encontrar livros didáticos em que uma favela é representada exclusivamente por mulheres negras e que tais mulheres estão sendo, ainda, sexualizadas, trazendo à tona “a ideia do estereótipo da mulher afrodescendente sensual” e do “estereótipo de que negro mora na favela” (Orlando, 2008, p. 68). Além disso, há muito ainda a ideia de “hierarquia racial” em livros didáticos. Essa ideia é reforçada quando os livros trazem apelidos pejorativos, como “neguinho” ou “pretinho” ao se referirem a pessoas negras.

Segundo Orlando, “ainda que paulatinamente, a sociedade brasileira começa a depositar, sobre o negro, uma nova visão, desta vez menos preconceituosa e mais consciente” (2008, p. 71), é de suma importância que os debates continuem a ser levantados e que a conscientização e luta por livros didáticos se fortaleçam, pois é no ambiente escolar que o tema racial é levantado, mesmo que indiretamente, em situações cotidianas.

Sendo assim, a representação da raça negra em livros didáticos precisa ser verificada, tendo em vista que o conceito de raça já vem de uma subalternização de

povos e que tem por objetivo manter domínios, tais como o de brancos/europeus, de donos de capital e de homens.

1.4. O PENSAMENTO DECOLONIAL

Segundo estudiosos que pesquisam questões coloniais modernas, vivemos em uma sociedade colonial (seja na metrópole ou na colônia), em que o racismo, ou seja, “um rígido sistema hierárquico que divide a humanidade em seres superiores e inferiores a partir de um sistema de marcas que fixam determinados sujeitos em determinadas posições (Bernardino-Costa, 2016, p. 507, apud Stadler, 2019, p.), é a característica central. E esse racismo, de acordo com Stadler,

não se manifesta unicamente nas relações políticas e econômicas entre os sujeitos colonizados e os sujeitos colonizadores. Para além dessa esfera de atuação mais palpável do racismo, Grosfoguel aponta para a existência de um racismo epistêmico forjado a partir do encontro colonial na modernidade. Tal racismo epistêmico pode ser definido como um sistema hierárquico que divide os *conhecimentos* da humanidade em superiores e inferiores e, inclusive, no limite, leva à separação entre um único tipo de conhecimento aceito como verdadeiro – o conhecimento científico de bases cartesianas – e outros tipos de saberes que, na maior parte das vezes, são ignorados ou que foram já silenciados por completo. (Stadler, 2019, p. 46)

E é justamente procurando atuar contra a manutenção do racismo epistêmico que se localiza o pensamento decolonial. Sendo assim, é de grande importância que os estudos e problematizações em relação a questões de raça sejam embasados em tais teorias. O pensamento decolonial, então, surge como alternativa e luta a favor da busca por novas formas de produzir saberes e de desmontar as relações de poder e de concepções de conhecimento que “promovem a reprodução de hierarquias raciais, geopolíticas e de gênero criadas e desenvolvidas no mundo moderno/colonial” (Stadler, 2019, p. 46).

Vale destacar nesta seção os conceitos de colonialidade e decolonialidade. Segundo Walter Mignolo, colonialidade seria “a matriz ou padrão colonial de poder” (2017, p. 13), ou seja, relações de poder entre povos e países que se mantêm, independentemente de movimentos de independência. Na colonialidade, há uma dominação de um povo sobre outro, através de comportamentos, cultura, economia, direitos, costumes e modos de viver e ditar o que é certo/errado ou normal/anormal. A colonialidade, segundo Mignolo, “se esconde detrás da retórica da modernidade (o

relato da salvação, progresso e felicidade)” (2017, p. 13) e é através dela – a modernidade – que justifica suas formas de violência. Em contrapartida às ideias da colonialidade, a descolonialidade, segundo Mignolo, é “a resposta necessária tanto às falácias e ficções das promessas de progresso e desenvolvimento que a modernidade contempla, como à violência da colonialidade” (2017, p. 13).

Apresentando-se como uma opção, o decolonial abre um novo modo de pensar que se desvincula das cronologias construídas pelas novas *epistemes* ou paradigmas (moderno, pós-moderno, altermoderno, ciência newtoniana, teoria quântica, teoria da relatividade etc.). Não é que as *epistemes* e os paradigmas estejam alheios ao pensamento descolonial. Não poderiam sê-lo; mas deixaram de ser a referência da legitimidade epistêmica. (Mignolo, 2017, p. 15)

Dessa forma, a decolonialidade é concebida aqui como importante elemento para a desconstrução do conceito colonial de raça e (re)construção de possíveis alternativas para a desubalternização de raças, como a negra; e colocada como ponto central na problematização de se e como raça é tratada em salas de aula e em materiais de línguas estrangeiras.

Tendo em vista as questões acima apresentadas, guiamos os percursos e análises de nossa pesquisa através do conceito colonial de raça, sob uma perspectiva de ênfase à necessidade do pensamento decolonial, trazendo problemáticas importantes sobre livros e materiais didáticos e contextos de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, sobretudo a língua inglesa; e através das conceitualizações e definições trazidas pela Linguística Aplicada. A partir de um viés decolonial e inter/transdisciplinar de enxergar a linguagem e a língua, apresentamos, a seguir, o percurso metodológico e analítico de nossa investigação.

2. PERCURSO METODOLÓGICO-ANALÍTICO

Esta é uma pesquisa bibliográfica que intenta mapear estudos que tematizam a raça em livros didáticos voltados para o ensino-aprendizagem de língua inglesa como língua estrangeira. De acordo com Pizzani et al. (2012, p. 56), com base em Santos (2001), “fazer uma pesquisa científica (...) visa responder às atividades humanas, para compreender e transformar a realidade que nos rodeia; significa realizar esforços para investir, descobrir, conhecer alguma coisa”.

Segundo Pizzani et al (2012, p. 64), “é importante que os interessados tracem uma linha condutora” para que a informação pesquisada seja de fato obtida. Segundo Lima e Mioto (2007), uma pesquisa bibliográfica qualitativa apresenta um objeto de estudo com especificidades, haja vista ser histórico, possuir consciência histórica, apresentar uma identidade com o sujeito, ser intrínseca e extrinsecamente ideológico e essencialmente qualitativo. Elas citam ainda que “o processo de pesquisa se constitui em uma atividade de pesquisa básica que, através da indagação e (re)construção da realidade, alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade”. Por isso a importância dos métodos e das técnicas de coleta de dados. No caso deste estudo, apesar de predominantemente qualitativo, utilizamos de análise quantitativa para nos auxiliar no mapeamento e compreensão das relações entre raça e livro didático e nas análises para investigarmos se e como raça é abordada em pesquisas que tratam do contexto de ensino-aprendizagem de LEs.

Dessa forma, a análise foi feita a partir de buscas por trabalhos acadêmicos na plataforma Google Acadêmico (*Google Scholar*), priorizando pesquisas em língua portuguesa brasileira, com os seguintes termos: “raça”, “livros didáticos” e “língua inglesa”. O recorte feito foi a seleção dos 70 primeiros trabalhos acadêmicos por ordem de relevância (filtro da própria plataforma).

Dentre esses setenta trabalhos, foram selecionados apenas os que citavam a palavra “raça” e/ou suas variações (como “racismo”, “racial” e “racialidade”) nos títulos e/ou resumos. Assim, dos 70, onze foram excluídos por não mencionarem a palavra “raça” e/ou sua(s) variaçã(o)es, restando 59 trabalhos, publicados entre os anos de 2012 e 2022. Após esses recortes, desconsideramos 2 trabalhos que não tratavam de livros didáticos de língua inglesa como língua estrangeira, mas de livro didático da matéria escolar de História⁷ ou de livros de língua espanhola como língua estrangeira. Além disso, 2 produções acadêmicas tratavam de artigos derivados de dissertações de mestrado já publicadas, dessa forma, também foram desconsideradas. Essas pesquisas foram discriminadas em uma tabela, apesar de não terem sido consideradas nas análises. Ademais, o primeiro artigo encontrado não possuía resumo e foi excluído, tendo em vista que a análise partia dos resumos dos estudos. Outro trabalho se tratava de uma entrevista e, apesar de a entrevistada ser a professora doutora Aparecida de Jesus Ferreira, grande estudiosa de pesquisas voltadas a questões raciais no ensino-

⁷ ONIESKO, Paola Clarinda de Freitas; FERREIRA, Aparecida de Jesus. Representação de negros/as no livro didático de história. *Journal of African and Afro-Brazilian Studies*, v. 1, n. 1, 2022.

aprendizagem de língua inglesa como língua estrangeira⁸, o documento foi desconsiderado. Sendo assim, dos 70 trabalhos encontrados, 53 compõem o *corpus* de nossa pesquisa⁹.

Os resumos dos trabalhos selecionados foram analisados a partir dos seguintes aspectos: objetivos da pesquisa; escopo teórico; metodologia adotada para o desenvolvimento da investigação; e resultados apontados para procedermos a uma avaliação quanti-qualitativa no intuito de compreender como a relação raça e livro didático de língua inglesa é tematizada.

Como limitação de nosso estudo, ressaltamos o fato de os resumos, dada sua extensão, não contemplarem a complexidade dos trabalhos. Todavia, compreendemos que são um relevante material de análise, haja vista constituírem-se como gênero discursivo importante dentro da academia com a função de apresentar o desenho teórico-metodológico e analítico das pesquisas acadêmicas.

3. RAÇA E LIVRO DIDÁTICO DE LI: O QUE DIZEM AS PESQUISAS?

O primeiro levantamento que fizemos diz respeito ao gênero discursivo dos 53 trabalhos selecionados (cuja quantidade de ocorrências pode ser observada na Tabela 1), bem como à quantidade de publicações por período (Tabela 2):

Tabela 1. Gênero discursivo dos trabalhos.

Gênero	Quantidade
Artigo de revista acadêmica	31
Dissertação de mestrado	15
Tese de doutorado	2
Anais em eventos	3

⁸ ENEVAN, Édina Aparecida da Silva. Um olhar sobre as representações de identidades sociais de raça: análise de livros didáticos para o ensino de espanhol/LE. 2016. 207 f. **Dissertação (Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade)**. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2016.

⁹ Os trabalhos estão listados no Anexo I.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)	2
TOTAL	53

Fonte: as autoras

Tabela 2. Trabalhos por data no período de 2012 a 2022.

Ano	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022
Quantidade de trabalhos	2	2	2	3	9	6	4	10	5	5	5

Fonte: as autoras

Como se observa pela Tabela 1, a grande maioria das pesquisas selecionadas para o nosso *corpus* de análise pertence ao gênero artigo, seguido de dissertação de mestrado. Os resultados sugerem que o tema em questão vem ganhando espaço entre pesquisadores e, em nível de pós-graduação, configura-se como uma temática a ser explorada. O ponto positivo a se destacar acerca da quantidade de artigos publicados diz respeito a maior circulação das pesquisas e a visibilidade da temática. Os dados contabilizam apenas 2 trabalhos de conclusão de curso, o que pode ser explicado pela ausência de exigência de defesa de TCC ou monografia em boa parte das licenciaturas.

Em termos de quantidade de publicação, por período, vê-se, na Tabela 2, um destaque para os anos de 2016 e 2019, com significativo aumento no número de trabalhos. Há de se salientar também que nossa investigação não contemplou livros e capítulos de livros, o que poderia trazer um cenário diferente, no que se refere ao aspecto quantitativo. A partir de 2020, há um decréscimo na quantidade de publicações, o que poderia ser efeito da pandemia de Covid-19, todavia é ainda um número maior, se comparado ao período de 2012 a 2015.

Em relação aos objetivos, as pesquisas, em sua maioria, se propõem a analisar e tentar compreender como a raça é abordada em sala de aula e em livros didáticos de LI como LE. Grande parte dos artigos (24 artigos do total) colocam como objetivos principais analisar as questões sociais de raça e/ou contribuir para a percepção da importância da reflexão sobre raça/etnia em sala de aula de LI. Cinco produções também aplicam algum projeto ou sequência didática em sala de aula como parte de suas pesquisas, com o objetivo de fomentar o ensino com a questão da raça. Um dos

trabalhos se debruça majoritariamente em termos imagéticos quanto à negritude, procurando compreender como a representação do corpo negro reverbera discursos em sala de aula de LI. Ademais, um dos artigos dá destaque ao corpo da mulher negra, trazendo questões de interseccionalidade de raça, gênero e classe social.

Fizemos também um levantamento dos verbos utilizados para descrever os objetivos e foi possível inferir que verbos como “discutir” (9 ocorrências), “refletir (8 ocorrências)” e “compreender” (13 ocorrências), que denotam uma busca pela compreensão ou um chamado para a reflexão a respeito do assunto, apareceram com maior frequência. Pode-se dizer que há uma preocupação em investigar e buscar como as raças são representadas em livros didáticos ou se são representadas em aulas de línguas estrangeiras, mais especificamente a raça negra. Há uma certa urgência em “revelar” (1 ocorrência) a falta de representatividade negra em situações como a de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, sobretudo a língua inglesa. Dessa urgência vem o chamado para debater e discutir a questão da raça pelo viés como o da decolonialidade, do feminismo negro e da Teoria Racial Crítica.

Quanto às teorias abordadas ou utilizadas para respaldar os estudos investigados, as três mais mencionadas, nos resumos, foram: Linguística Aplicada (10 menções), Multiletramentos (5 menções) e Letramento Racial Crítico (5 menções). Além delas, as teorias de Letramento Visual e Análise Crítica do Discurso também são destaque.

Nota-se que a maioria dos trabalhos se ancora às grandes áreas de Linguística Aplicada e/ou Análise Crítica do Discurso, com ênfase nos conceitos e/ou teorias de Multiletramentos, Letramento Visual e Letramento Racial Crítico. A Decolonialidade, por sua vez, é citada apenas em três dos trabalhos selecionados, o que acena para a necessidade de ampliação de estudos que abordem a raça como conceito colonial e que precisa ser desconstruído. De qualquer forma, vê-se a relevância dos estudos em LA no sentido de dar visibilidade a questões sociais, buscando “entender os sujeitos e identidades que emergem no mundo contemporâneo” (Matos; Botelho, 2022, p. 164). É sobre e com esses sujeitos que a LA tem procurado investigar questões de linguagem e desenvolver seus quadros teórico-metodológicos.

Em relação às metodologias adotadas, nenhuma produção acadêmica é de cunho quantitativo, 1 é de cunho quanti-qualitativo e as 52 restantes de cunho qualitativo, como demonstrado na tabela a seguir, que detalha os tipos de pesquisa qualitativa de acordo com os resumos dos artigos selecionados:

Tabela 3. Quantidade de pesquisas qualitativas por tipos.

Tipos de pesquisas qualitativas	Quantidade
Autoetnografia	4
Bibliográfica	26
Etnográfica	6
Intervencionista	2
Análise comparativa	1
Interpretativista	5
Narrativa	1
Análise documental	8
TOTAL	53

Fonte: as autoras

Além disso, chama a atenção o fato de apenas dois artigos terem analisado imagens ou textos imagéticos, tendo em vista que a raça é bastante representada em livros didáticos através de imagens. Além disso, há grande destaque para os tipos bibliográfico e etnográfico de pesquisa – em que a raça é investigada através de entrevistas com alunos e/ou professores e análises das próprias práticas pedagógicas dos pesquisadores –, dentro das pesquisas qualitativas, o que pode levar a entender que, na área de questões raciais no ensino de línguas estrangeiras, há ainda uma grande produção acadêmica voltada aos estudos e às análises de materiais didáticos e conteúdos, mas ainda há pouco de caráter intervencionista ou de produção, de fato, de materiais com objetivo de desconstrução de estereótipos subalternizados da raça negra.

Em relação aos resultados encontrados, fizemos apenas uma análise qualitativa dada a especificidade deste item. De acordo com os resultados encontrados nos resumos desses artigos, nota-se que, segundo os/as pesquisadores/as, há falta de pesquisas que investiguem especificamente a questão da raça em livros didáticos de

línguas estrangeiras, e sobretudo, de língua inglesa. Além disso, todas as pesquisas apontam que os livros didáticos de língua estrangeira (ou de língua inglesa) não conseguem (ainda) tratar de assuntos como o da raça de maneira crítica e abrangente. Mulheres e homens negros ainda são retratados/as de maneira predominantemente subalternas e com estereótipos demarcados na pobreza e com pouca representatividade positiva, sem que tenham empregos de prestígio social alto, por exemplo, assim como afirma Enevan (2016, p. 14), em “a representação justa e digna da humanidade fica majoritariamente por conta das pessoas brancas, homens de preferência, pertencentes às classes de maiores prestígios sociais”.

Tabela 4. Trabalhos por tema

Temas	Quantidades
Raça/racismo em livros e materiais didáticos de ensino de LI	25
Raça/racismo em sala de aula de ensino de LI	27
Raça e internacionalização	1 ¹⁰

Fonte: as autoras

Pode-se inferir, através da análise quantitativa, um equilíbrio em relação às pesquisas sobre raça: quase metade relaciona raça/racismo com livros e materiais didáticos, enquanto pouco mais da metade relaciona raça/racismo com o ensino de LI. As pesquisas da primeira temática entram em consenso de que existe um racismo cordial em livros e materiais didáticos de língua inglesa:

Os materiais didáticos são um exemplo da divisão étnica e do racismo velado na escola, muitos livros têm uma postura preconceituosa, machista, classista – em especial os materiais de Inglês, esses são marcados pela ideologia do branqueamento, a qual sobrepõe os brancos em relação aos negros e são pesquisas recentes dentro do escopo da Linguística Aplicada (...) (Ferreira, 2014, p. 180)

¹⁰ Borges e Garcia-Filice (2016) discutem as contradições do Programa Ciência sem Fronteiras, como política de internacionalização, sendo a raça tratada, no estudo, como uma das “variáveis em trajetórias educacionais na aquisição de habilidades do idioma inglês” (p. 89).

As pesquisas da segunda temática, por sua vez, também concordam em relação à existência de uma marginalização de corpos negros em aulas de LI, tanto no que concerne à representação desses corpos quanto na relação de aprendizagem quando se trata de aprendizes negros. Nos dizeres de Nascimento, 2020:

Nossas principais preocupações dizem respeito aos estudantes universitários negros e da classe trabalhadora que se valem de discursos que marginalizam (e refletem sobre a marginalização de) seus corpos na sala de aula de inglês. Pesquisas anteriores sugerem que nas escolas brasileiras que atendem estudantes negros e da classe trabalhadora, o aprendizado do inglês costuma envolver uma rejeição de si mesmo, da cultura e da identidade de classe (...). (Nascimento, 2020, p. 687)

Também foi possível compreender que há a necessidade de melhorar as representações imagéticas presentes em livros didáticos, pois grande parte das imagens representam negros/as predominantemente em seus passados escravagistas, como se o ponto de partida de suas histórias fosse dali, ignorando e oprimindo suas histórias em seu continente de origem.

Em alguns artigos, os resultados foram positivos, ou seja, a aplicação das intervenções propostas (como dinâmicas e propostas didáticas em sala de aula de ensino de LI como LE) teve como consequência uma maior conscientização de alunos e professores em relação à temática racial, pois foram aplicadas situações em aulas em que os/as estudantes puderam trabalhar criticamente os assuntos como o de raça em sala de aula. Além disso, muitas análises trouxeram a perspectiva de que os livros didáticos trazem uma homogeneidade que não condiz com a realidade dos/as alunos/as, o que pode atrapalhar significativamente a aprendizagem, já que a relevância dos assuntos abordados é um grande fator para o processo de aprendizagem dos/as estudantes.

Pode-se concluir também que os livros adotados são, majoritariamente, advindos dos chamados países do Norte, evidenciando a presença de um ensino de língua inglesa colonizado, em que a valorização das culturas e costumes do Norte são evidenciadas e, as do Sul, ignoradas ou subalternizadas. Em relação às Diretrizes Curriculares Nacionais, alguns artigos apontam que, apesar da implementação de conteúdos direcionados para a diversidade étnico-racial, tais mudanças não contemplam ainda corretamente esses princípios.

Dado o exposto, pode-se considerar, como Sene (2019, p. 193) define em seu resumo, que os contextos em que são ensinadas as línguas estrangeiras, sejam esses contextos a sala de aula ou o material didático adotado, são ainda demasiadamente conservadores, voltados para uma realidade diferente da do/a estudante, com representatividade a homens heterossexuais e brancos. Dessa maneira, pode ser levantada a necessidade de produção de materiais e de planejamento de aulas que sejam voltados à representação e representatividade de mulheres e homens negros/as em posições realistas e demonstrando suas contribuições sociais e culturais para a sociedade, denotando uma posição decolonial, feminista e antirracista.

Em grande parte dos resumos dos artigos a questão racial é trazida e discutida com preocupação na inclusão social de corpos negros e indígenas, mas poucos (três artigos) exploram a raça como um conceito colonial. Tal modo de conceituar a raça pode ser preocupante, já que, não sendo vista e problematizada como um conceito colonial, suas origens são ignoradas e, possivelmente, subestimadas. Ao entender a raça como conceito colonial, muitas outras problematizações surgem e com elas a importância de se debater e colocar em evidência as necessidades de pesquisas e aprofundamentos. Esse apagamento de questões coloniais podem ser uma das evidências do “papel da universidade na perpetuação de colonialidade, dentre as quais está a colonialidade do saber, que legitima o saber científico e invisibiliza outras formas de conhecimento” (Borelli, 2018, p. 139), o que demonstra ainda mais a necessidade do debate e implementação do assunto em salas de aula não apenas de ensino de línguas estrangeiras, mas, para além: no ensino de futuros professores de LEs.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O levantamento de pesquisas acadêmicas com foco na relação entre raça e livro didático de língua inglesa, no período de 2012 a 2022, sugere que este é um tema que ainda precisa ser explorado. Ademais, nota-se que a raça, na grande maioria dos resumos dos trabalhos selecionados, não é tratada como um conceito colonial e a questão da decolonialidade nem mesmo é mencionada. Pode-se levantar-se aqui, então, a importância da retratação da raça dentro de teorias e conceitualizações que tentem desubalternizar povos negros e indígenas, sobretudo dentro do ensino de línguas.

Apesar de nosso estudo ter consistido em um levantamento bibliográfico, finalizamos as reflexões aqui empreendidas com alguns encaminhamentos que podem ser propostos, com base nos resultados de nossa pesquisa, tais como a necessidade de:

i) *criar e fortalecer grupos de pesquisa voltados ao estudo da raça e em contextos de ensino-aprendizagem de línguas*, sobretudo com a participação de pesquisadores/as negros/as. A esse respeito, Nascimento e Windle (2022) defendem a urgência de se desracializar as pesquisas em Linguística Aplicada, trazendo para o cerne das investigações o lócus de enunciação dos/as pesquisadores/as. Segundo eles, “a denúncia do racismo em espaços de produção de pesquisa depende, em parte, da capacidade dos pesquisadores brancos enxergarem a branquitude como estrutura de poder, ligada, claro, a tantas outras como gênero, sexualidade e classe social” (Nascimento; Windle, 2022, p. 339);

ii) *desenvolver projetos e pesquisas em parceria com a educação básica voltados para a produção e adaptação de material didático*. Dadas as condições de trabalho de grande parte dos professores que atuam nesse contexto, em geral com elevadas horas em sala de aula, propostas visando ressignificar materiais didáticos (em geral, o livro didático já adotado na escola) podem ser um caminho para a desnaturalização de discursos racistas e fortalecimento da educação antirracista;

iii) *promover, nos currículos dos cursos de Letras, espaço para a problematização e desenvolvimento de materiais didáticos voltados para uma educação linguística antirracista*. É importante que o professor em formação não apenas discuta teorias, mas que possa experienciar, em projetos de pesquisa, ensino e extensão, possibilidades de elaboração de materiais didáticos, ocupando uma posição de autoria no ensino que o permita “problematizar suas concepções de ensino-aprendizagem, revisar as teorias que estuda no curso de Letras” (Brito; Silveira, 2019), enfim, enunciar, na/pela língua que ensina-aprende, modos outros de saber, ser e estar no mundo.

Essas propostas, então, fomentariam a ideia e o objetivo de constituir e construir salas de aula de ensino de línguas estrangeiras, sobretudo o ensino de LI, de forma antirracista e que deem visibilidade de maneira adequada e justa a corpos de mulheres e homens negros, evitando a propagação de preconceitos e concepções racistas. Assim, a sala de aula poderia ser espaço de escuta e acolhimento e de (des)construção de imaginários norteados pelo pensamento colonial e subalternizado de povos, trazendo uma perspectiva mais embasada nas “vozes do Sul” e com os devidos reconhecimentos

e respeito à cultura, à tradição e aos conhecimentos e saberes de povos, até então, inferiorizados.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ludmila Nogueira de. A transdisciplinaridade da Linguística Aplicada na formação de professores de línguas - convergências para uma educação transpessoal? **Revista Desempenho**, [S. l.], v. 2, n. 22, 2015.

BORELLI, Julma Dalva Vilarinho Pereira. Caminhos e Vivências de uma Atuação Crítica Decolonial. In: PESSOA, Rosane Rocha; SILVESTRE, Viviane Pires Viana; MÓR, Walkyria Monte. **Perspectivas Críticas de Educação Linguística no Brasil: trajetórias e práticas de professoras/es universitárias/os de inglês**. São Paulo: Pá de Palavra, 2018. p. 137-146.

BORGES, Rovênia Amorim; GARCIA-FILICE, Renísia Cristina. A língua inglesa no Ciência sem Fronteiras: paradoxos na política de internacionalização. **Interfaces Brasil/Canadá**, Canoas, v. 16, n. 1, p. 72-101, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/interfaces/article/view/7516>. Acesso em: 21 dez. 2022

BRITO, Cristiane Carvalho de Paula; SILVEIRA, Pedro Henrique. Ensino e autoria: Sobre a elaboração de material didático para um curso de produção oral no Programa ISF. **Olhares & Trilhas**, v. 20, n. 3, p. 44-60, 2019. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/olhasesetrilhas/article/view/45981>. Acesso em: 22 abr. 2023.

CELANI, Maria Antonieta Alba. Afinal, o que é Lingüística Aplicada? In: PASCHOAL, Mara Sofia Zanono de; CELANI, Maria Antonieta Alba (Orgs.) **Lingüística Aplicada: da aplicação da lingüística à lingüística transdisciplinar**. São Paulo: EDUC, 1992. p. 15-23.

FERREIRA, Aparecida de Jesus; CAMARBO, Mábia. O Racismo Cordial no Livro Didático de Língua Inglesa Aprovado no PNLD. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/As Negros/As (Abpn)**, [S.L.], v. 6, n. 12, p. 177-202, 12 nov. 2013.

HASHIGUTI, Simone Tiemi; AMADO, Giselly Tiago Ribeiro; FAGUNDES, Isabella Zaiden Zara; ALVES, Fabiano Silvério Ribeiro. Thinking and doing otherwise with ELLA: A Virtual Laboratory for EFL Learning. **Letras & Letras**, v. 35, n. especial, p. 223-246, 2019. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/49537> Acesso em: 26 de jul. de 2023.

HASHIGUTI, Simone Tiemi; ANGELO, Rodrigo de Castro, ANGELO, Rogério de Castro. Inteligibilidade entre humanos e máquina no ensino aprendizagem de inglês: uma questão decolonial. In: V CID & IV SIMPÓSIO EM TRANSCULTURALIDADE,

LINGUAGEM E EDUCAÇÃO, 2019. **Anais**. Uberlândia. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2019. p. 220-240.

HASHIGUTI, Simone Tiemi; BRITO, Cristiane Carvalho de Paula; ÂNGELO, Rogério de Castro. Meaning making in the context of EFL teaching and learning with an artificial intelligence system. **European Scientific Journal, ESJ**, 17 (22), p. 19-36, 2021. Disponível em <https://doi.org/10.19044/esj.2021.v17n22p19>. Acesso em 14 de abril de 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KLEIMAN, Angela Busto. Agenda de pesquisa e ação em linguística aplicada: problematizações. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Linguística aplicada na modernidade recente**: festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola, 2013. p. 39-58.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, v. 10, n. esp, p. 37-45, 2007.

MATOS, Doris Cristina Vicente da Silva; BOTELHO, Gabriela Rodrigues. Isso vai dar samba: a perspectiva afro-gênica e decolonial pela linguística aplicada. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo; GONZALEZ, Clarissa Rodrigues; MELO, Glenda Cristina Valim; GUIMARÃES, Thayse Figueira. **Estudos queer em linguística aplicada indisciplinar**: gênero, sexualidade, raça e classe social. São Paulo: Parábola, 2022. p. 163-186.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Antígona, 2014. 306 p.

MELO, Glenda Cristina Valim de; JESUS, Dánie Marcelo (Orgs.). **Linguística aplicada, raça e interseccionalidade na contemporaneidade**: volume 1. Rio de Janeiro: Mórula, 2022.

MELO, Glenda Cristina Valim; MOITA LOPES, Luiz Paulo. Teorias queer e raça. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo; GONZALEZ, Clarissa Rodrigues; MELO, Glenda Cristina Valim; GUIMARÃES, Thayse Figueira. **Estudos queer em linguística aplicada indisciplinar**: gênero, sexualidade, raça e classe social. São Paulo: Parábola, 2022. p. 94-100.

MIGNOLO, Walter. Desafios Decoloniais Hoje. **Epistemologias do Sul**: Pensamento Social e Político em/desde/para América Latina, Caribe, África e Ásia, Foz do Iguaçu/Pr, v. 1, p. 12-32, 23 maio 2017. Disponível em: <<https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/issue/view/40>> Acesso em: 26 de out. de 2022.

NASCIMENTO DOS SANTOS, Gabriel.; WINDLE, Joel Austin; PEREIRA, Luciana Maira de Sales. O nexó de raça e classe no ensino de Língua Inglesa: Das ordens de interação às ordens do ser. **Abatirá - Revista de Ciências Humanas e Linguagens**, v. 1, n. 2, p. 681 - 707, 16 dez. 2020.

NASCIMENTO, Gabriel; WINDLE, Joel. A (des)racialização de pesquisadores como estratégia de luta: rumo a uma linguística aplicada antirracista. In: MELO, Glenda Cristina Valim de; JESUS, Dánie Marcelo. **Linguística aplicada, raça e interseccionalidade na contemporaneidade**: volume 1. Rio de Janeiro: Mórula, 2022. p. 316-342.

ORLANDO, Andréia Fernanda; FERREIRA, Aparecida de Jesus; COUTO, Fernanda Cristina; WATTHIER, Luciane. Os estereótipos do negro presentes em livros didáticos: uma análise a partir dos Parâmetros Nacionais. In: FERREIRA, Aparecida de Jesus (Org.). **PEAB – Projeto de estudos afro-brasileiros**: contexto, resultados de pesquisas e relatos de experiências. Cascavel: Unioeste, 2008. p. 61-73.

PARDO, Fernando da Silva. Decoloniality and language teaching: perspectives and challenges for the construction of embodied knowledge in the current political scene. **Revista Letras Raras**. Campina Grande, v. 8, n. 3, p. 200-21, set. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.35572/rlr.v8i3.1422> Acesso em: 26 de jul. de 2023.

PENNYCOOK, Alastair. Uma lingüística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). **Por uma lingüística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola. 2006.

PIZZANI, Luciana; SILVA, Rosemary Cristina; BELLO, Suzelei Faria; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 10, n.1, p. 53-66, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896>. Acesso em: 26 jul. 2023.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia científica**: a construção do conhecimento. 4.ed. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2001. 144p.

SCHEYERL, Denise. Práticas Ideológicas na Elaboração de Materiais Didáticos para a Educação Linguística. In: SCHEYERL, Denise; SIQUEIRA, Sávio (Orgs.). **Materiais Didáticos para o Ensino de Línguas na Contemporaneidade**: Contestações e Proposições. Salvador, EDUFBA, 2012, 534 p.

SENE, Rosana Aparecida Ribeiro de. Identidades de raça, gênero e de sexualidade no ensino/aprendizagem de língua inglesa: sugestões de atividades. **Uniletras**, [S.L.], v. 41, n. 2, p. 193-213, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5212/uniletras.v.41i2.0005>. Acesso em: 15 mar. 2023.

SIQUEIRA, Sávio. Se o Inglês está no Mundo, Onde está o Mundo nos Materiais Didáticos de Inglês? **Materiais Didáticos para o Ensino de Línguas na Contemporaneidade**: Contestações e Proposições. Organizadores: Denise Scheyerl; Sávio Siqueira. Salvador, EDUFBA, 2012, 534 p.

STADLER, Thiago, KRACHENSKI, Naiara. História, colonialismo, epistemologia: Aimé Césaire, Frantz Fanon e o pensamento decolonial. **Revista Estudos Libertários**, v. 1, n. 1, p. 36-48, 2019.

TILIO, Rogerio. O Papel do Livro Didático no Ensino de Língua Estrangeira. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, v. 7, n. 16, p. 117-144, jul./set. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/14805/10823>. Acesso em: 26 fev. 2022.

ANEXO 1

Relação dos trabalhos investigados

1. AQUINO, D. A. N. de. Diversidade e ideologias no livro didático de língua inglesa. 2015. 45 f., il. **Monografia** (Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural)—Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
2. BEZERRA, I. C. R. M.; NASCIMENTO, A. B. C. do; FERREIRA, W. S. Um livro didático de inglês e a representação de pessoas negras: desenhando uma abordagem de ensino-aprendizagem crítica. **A Cor das Letras**, [S.L.], v. 18, n. 4, p. 221, 29 jan. 2018. Universidade Estadual de Feira de Santana. <http://dx.doi.org/10.13102/cl.v18iespecial.2065>.
3. BEZERRA, S. S. Um estudo autoetnográfico em aulas de língua inglesa no ensino médio: reflexões sobre (de)colonialidades, prática docente e letramento crítico. 2019. 194 f. **Tese (Doutorado em Linguística)** – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.
4. BORGES, R. A. *et al.* A língua inglesa no Ciência sem Fronteiras: paradoxos na política de internacionalização. **Interfaces Brasil/Canadá**, Canoas, v. 16, n. 1, p. 72-101, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/interfaces/article/view/7516>. Acesso em: 21 dez. 2022.
5. BORGES-CALIL, A. C.; BARBOSA, L. M. de A. Representação cultural brasileira em materiais didáticos de língua estrangeira. **Trama**, v. 13, n. 29, p. 60–82, 2017. DOI: 10.48075/rt.v13i29.16041. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/16041>. Acesso em: 30 jan. 2023.
6. CÂMARA, V. Letramento racial crítico e intersecção com gênero nas aulas de língua inglesa no curso formação de docentes. 2021. **Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem)** - Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 2021
7. CAMARGO, M. Atlântico negro paiol: como estão sendo conduzidas as questões de raça e etnia nas aulas de língua inglesa? 2012. 171 f. **Dissertação (Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade)** - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, Ponta Grossa, 2012.
8. CARRIJO, V. L. S.; LOPES, M. J. F. Educação antirracista em aulas de Língua Inglesa: ruptura com a necropolítica. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, v. 8, n. 1, p. 234-243, 2021.
9. CLARA, M. P. S.; FERREIRA, A. J. Identidades sociais de gênero com intersecção de raça e classe no livro didático de língua inglesa: o que as pesquisas recentes revelam. **Uniletras**, v. 39, n. 1, p. 75-89, 2017. Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). <http://dx.doi.org/10.5212/uniletras.v.39i1.0005>.
10. CLARA, M. P. S. Critical literacy and teachers' and students' voices on gender social identities with race and class intersections in the English language textbook. 2017. 202 f. **Dissertação (Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade)** - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, Ponta Grossa, 2017
11. CONCEIÇÃO, L. C. da. Questões sociais de raça observadas em aulas de Língua Inglesa no Ensino Médio. 2019. 174 f. **Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem)** - Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019

12. CONTI, L. F. D.; ANDRADE, M. R. M. de. Identidades de raça/etnia, ensino crítico e o racismo no livro de inglês aprovado pelo PNLD. **Muitas Vozes**, v. 4, n. 1, p. 27–42, 2016. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/view/8562>. Acesso em: 30 jan. 2023
13. CUSTÓDIO, F. S. **A Representação do Negro no Livro Didático de Língua Inglesa**. 2020. 13 f. TCC (Graduação) - Curso de Curso de Especialização em Línguas Estrangeiras e Modernas Inglês e Espanhol, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Cabedelo, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ifpb.edu.br/handle/177683/1158>. Acesso em: 15 dez. 2022.
14. DA SILVA JÚNIOR, A. F.; DE MELO, J. P. R. Atividades didáticas sobre a temática étnico-racial na coleção zip from zog: um panorama do ensino de língua inglesa no município do rio de janeiro. **Afluente: Revista de Letras e Linguística**, v. 4, n. 10, p. 122–142, 2019. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/11597>. Acesso em: 15 dez. 2022.
15. DAMBRÓS, Lilian Paula. Construção das identidades sociais de raça com interseção de classe nos livros didáticos de inglês do ensino médio aprovados pelos PNLDs 2012 e 2015. 2016. 166 f. **Dissertação (Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade)** - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, Ponta Grossa, 2016
16. DE OLIVEIRA, L. H. Performatividade, ensino de língua inglesa e raça: professoras de inglês negras e identidade profissional. **Inventário**, n. 23.2, p. 241–258, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/inventario/article/view/29533>. Acesso em: 15 dez. 2022.
17. ALENCAR; E. B. A.; SILVA, W. O. A representação da identidade negra em alguns livros didáticos de língua inglesa: construindo sentidos na sala de aula. **JNT-Facit Business And Technology Journal**, n. 24, v. 1, p. 76-92, 2021.
18. FARIAS, K. C.; FERREIRA, A. de J. Livro didático de língua inglesa e o que os discursos escritos revelam sobre identidade racial. **Travessias**, v. 8, n. 3, 2014. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/10616>. Acesso em: 15 dez. 2022.
19. FERRAZ, D. de M.; MASSINI, T. C. R. Relações étnico-raciais e educação linguística em língua inglesa: Por uma educação não envenenada. **Olhares: Revista do Departamento de Educação da Unifesp**, v. 7, n. 2, p. 16–32, 2019. DOI: 10.34024/olhares.2019.v7.847. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/olhares/article/view/847>. Acesso em: 30 jan. 2023.
20. FERREIRA, A. J. Identidades Sociais de Mulheres Negras nos Livros Didáticos de Língua Inglesa do Brasil e de Camarões: Interseccionalidades de Raça, Gênero, Classe Social e Letramento Racial Crítico. **Revista X**, Curitiba, v. 14, n. 4, p. 20-40, 2019.
21. FERREIRA, A. J. Identidades sociais, letramento visual e letramento crítico: imagens na mídia acerca de raça/etnia. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 51, n. 1, p. 193-215, 2012.
22. FERREIRA, A. J.; CAMARBO, M. O Racismo Cordial no Livro Didático de Língua Inglesa Aprovado no PNLD. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/As Negros/As (Abpn)**, v. 6, n. 12, p. 177-202, 2013.
23. FERREIRA, S. A. Percepções acerca de identidades sociais de raça de professores de língua inglesa após uma oficina de formação continuada. **Muitas Vozes**, v. 4, n. 1, p. 63–78, 2016. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/view/8560>. Acesso em: 14 dez. 2022.
24. FERREIRA, S. A.; FERREIRA, A. de J. Identidades sociais de raça e formação continuada de professores de língua inglesa. **Educere et Educare**, v. 10, n. 20, 2015. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/12612>. Acesso em: 14 dez. 2022.
25. FERREIRA, S. A.; FERREIRA, A. de J. Vozes de aprendizes acerca de identidades sociais de raça/etnia na escola: percepção sobre materiais didáticos. **Revista Horizontes de Linguística Aplicada**, v. 12, n. 1, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/horizontesla/article/view/1233>. Acesso em: 30 jan. 2023.
26. FERREIRA, S. A. Social race's identities, multiliteracies and the pedagogical practice of English language teacher. 2016. 319 f. **Dissertação (Mestrado em Linguagem e Sociedade)** - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2016.
27. FONSECA, F. A.; MIGUEL, L. Análise crítica do discurso: um olhar sobre a representação da etnia em livros didáticos de língua inglesa. **Revista de Letras**, v. 20, n. 28, p. 36-50, 2018.

28. HOELZLE, M. J. L. R. Desestabilizando sociabilidades em uma sala de aula de língua inglesa de uma escola pública. 2016. 173 f. **Dissertação (Dissertação em Letras e Linguística)** - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.
29. HUMBERTO DE OLIVEIRA, L. Corporeidade, Letramentos e Ensino de Língua Inglesa Antirracista: Problematizando Imagens e Construindo Novos Sentidos. **Porto das Letras**, v. 8, n. 3, p. 150-170, 2022. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/13311>. Acesso em: 21 dez. 2022.
30. LOPES, C. R. Livros Didáticos de Língua Inglesa: instrumentos de luta contra desigualdades étnico-raciais? **Revista Coralina**, v. 1, n. 1, p. 160-174, 2019. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/coralina/article/view/8776>. Acesso em: 15 dez. 2022.
31. MELO, G. C. V. de. O Lugar da Raça na Sala de Aula de Língua Inglesa. **Revista da Abpn**, v. 7, n. 17, p. 65-81, 2015.
32. MILANI, V. G. Diversidades em um livro didático de língua inglesa: representações visuais e/em interseccionalidade. **Revista Horizontes de Linguística Aplicada**, v. 21, n. 1, p. AG4, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/horizontesla/article/view/41515>. Acesso em: 15 dez. 2022.
33. MURIALDO, C. F. S. Análise de pessoas da raça negra no livro didático de língua inglesa à luz da gramática do design visual. 2021. **Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem)** - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2021
34. NASCIMENTO DOS SANTOS, G.; AUSTIN WINDLE, J.; MAIRA DE SALES PEREIRA, L. O nexos de raça e classe no ensino de Língua Inglesa: Das ordens de interação às ordens do ser. **Abatirá - Revista de Ciências Humanas e Linguagens**, v. 1, n. 2, p. 681-707, 2020.
35. NASCIMENTO, G. Do limão faço uma limonada: estratégias de resistência de professores negros de língua inglesa. 2020. 225 f. **Tese (Doutorado)**. FFLCH-USP, Depto de Letras Modernas. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.8.2020.tde-23092020-130036>. Acesso em: 31 Jan 2023
36. NASCIMENTO, G. As identidades de classe social/raça no ensino-aprendizagem de língua estrangeira: algumas considerações. **Palimpsesto**, v. 1, n. 23, p. 535-552, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/view/35050/24756>. Acesso em: 30 jan. 2023
37. NASCIMENTO, G. Ethnicity and race in English language activities at a university in Bahia. **Cadernos de Pesquisa**, v. 49, n. 173, p. 208-224, 2019.
38. NASCIMENTO, G. Raça e resistência ao racismo em atividades de língua inglesa no sul da Bahia. **Revista X**, v. 14, n. 3, p. 121, 26 jul. 2019. Universidade Federal do Paraná.
39. NUNES, A. G.; NASCIMENTO, C. G.; INKPIN, S. C. Experiências que fazem a diferença: práticas crítico-formativas no curso de Licenciatura em Letras, Língua Inglesa e Literaturas do Campus V da UNEB. **Revista Multidisciplinar do Núcleo de Pesquisa e Extensão (RevNUPE)**, v. 1, n. 1, p. e202107, 2021.
40. OLIVEIRA, L. H. de. (Des)construindo identidades: narrativas de professoras negras na universidade. 2020. 146 f. **Dissertação (Mestrado)** - Curso de Letras, Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/33757>. Acesso em: 30 jan. 2023.
41. OLIVEIRA, R. M. de. Descolonizar os livros didáticos: raça, gênero e colonialidade nos livros de educação do campo. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 68, p. 11-33, 2017.
42. PINTO JÚNIOR, C. G. Black Lives Matter: efeitos e sentidos da teoria racial crítica na sala de aula de língua inglesa da escola pública. 2020. 143 f. **Dissertação (Mestrado)** - Curso de Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte-Mg, 2020
43. REAL, L. *et al.* A identidade negra no Programa Nacional do Livro Didático de Língua Inglesa de 2018. **Travessias**, v. 13, n. 3, p. 35-53, 2019.
44. REAL, L. R. Professoras universitárias negras de língua inglesa do Brasil e o letramento racial crítico: práticas subversivas em narrativas autobiográficas. 2022. **Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem)** - Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 2022
45. RODRIGUES, D. S. Proposta pedagógica com ênfase nas identidades sociais de raça em materiais para o ensino de línguas adicionais. In: Seminário de formação de professores e

- ensino de língua inglesa, 5., 2019, São Cristóvão, SE. **Anais eletrônicos** [...]. São Cristóvão, SE: LINC/UFS, 2019. p. 280-289.
46. SANTOS, G. N. dos. E a história não acabou...: a representação da identidade de classe social no livro didático de língua inglesa. 2016. 164 f., il. **Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)**—Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
47. SANTOS, G. N. dos; MASTRELLA-DE-ANDRADE, M. R. Simulacro e Representação Identitária no Livro Didático de Língua Inglesa. **Caminhos em Linguística Aplicada**, v. 15, n. 2, p. 39-62, 2016. Disponível em: <http://revistas.unitau.br/ojs/index.php/caminhoslinguistica/article/view/2126/1577>. Acesso em: 15 dez. 2022.
48. SENE, R. A. R. *et al.* O que as Pesquisas Recentes Revelam Acerca das Identidades de Gênero, de Raça e de Sexualidade nas Aulas de Língua Inglesa. **Polifonia**, v. 25, n. 322, p. 171-334, 2018. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/4677>. Acesso em: 15 dez. 2022.
49. SENE, R. A. R. de. Identidades de gênero, raça e sexualidade e a relação com a língua inglesa: uma reflexão teórica. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13Th Women's Worlds Congress (**Anais Eletrônicos**), Florianópolis, p. 1-12, 2017.
50. SENE, R. A. R. de. Identidades de raça, de gênero e de sexualidade nas aulas de língua inglesa na visão das/os estudantes. 2017. 201 f. **Dissertação (Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade)** - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, Ponta Grossa, 2017
51. SILVA, M. D. O uso da música no ensino aprendizagem de língua inglesa: análise do discurso de resistência nas músicas de Bob Marley. In: Seminário de formação de professores e ensino de língua inglesa, 5., 2019, São Cristóvão, SE. **Anais eletrônicos** [...]. São Cristóvão, SE: LINC/UFS, 2019. p. 373-388
52. SILVA, M. A. da *et al.* Gênero e política: um estudo sobre identidades em livro didático de língua inglesa. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, v. 1, p. 275-285, 2016. Disponível em: <https://cfp.revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/pesquisainterdisciplinar/article/view/92/71>. Acesso em: 15 dez. 2022
53. SMITH, A. M. Mudanças e/ou permanências: relações étnico-raciais no livro didático de língua inglesa. 2013. 130 f., il. **Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)** – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

Maria Luisa BORGES

Graduanda do curso de Letras: Inglês e Literatura de Língua Inglesa, na modalidade licenciatura, na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Membro dos Grupos de Pesquisa Linguagem Humana e Inteligência Artificial (LIA) e O Corpo e a Imagem no Discurso (CID). Desenvolveu uma pesquisa de Iniciação Científica sobre Raça, (de)colonialidade e ensino de língua inglesa em Linguística Aplicada.

Cristiane Carvalho de Paula BRITO

Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia (2001), mestrado (2004) e Doutorado (2009) em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas. Professora Associada no Curso de Letras-Inglês na Universidade Federal de Uberlândia. Atua no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, na linha Linguagem, Ensino e Sociedade. Líder do Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos Polifônicos (LEP) e vice-líder do Grupo Linguagem Humana e Inteligência Artificial (LIA). Principais temas de interesse: formação de professores de línguas,

ensino-aprendizagem de línguas em diferentes contextos, produção de material didático, letramentos, Análise do Discurso.

REVISOR DE LINGUAGEM

Nome: Ivan Marcos Ribeiro

e-mail: ribeiro.ivan@gmail.com

Nome: Luisa Paula de Oliveira (resumo em espanhol)

e-mail: luisapauladeoliveira@gmail.com

Recebido em 04/maio/2023.

Aceito em 04/janeiro/2024.